



EDUCAÇÃO POPULAR - PERSPECTIVA REAL E POSSÍVEL DE EDUCAÇÃO

Ana Rosária Borges de Faria ¹; Maria Clarisse Vieira ²

¹ Pedagoga, professora alfabetizadora no Programa Saber Mais (TCU), integrante do GENPEX-UnB, anafaria.ped@gmail.com; ² Doutora em educação, Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da UnB, coordenadora do GENPEX-UnB, mclarissev@yahoo.com.br

EIXO TEMÁTICO 3: ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

RESUMO

O presente artigo apresenta resultados de pesquisa que visa compreender as tensões e descrever as significações que educandos oriundos da Educação Popular fazem à sua inserção em classes regulares da EJA em uma escola pública do Distrito Federal. Esta investigação adotou uma perspectiva qualitativa, em que a aquisição de dados ocorre por meio do contato direto do pesquisador com a situação observada, por meio da pesquisa participante. Traz a ideia de dialogicidade, onde pesquisador e pesquisados são sujeitos de um trabalho comum, ainda que com situações e tarefas diferentes. As entrevistas e observações mostram que os educandos se sentem mais seguros e confiantes quando percebem que o educador/alfabetizador está em uma relação pedagógico-dialógica de interação e cooperação. Essa segurança e confiança proporcionam cooperação entre os educandos desenvolvendo a busca e compreensão das situações que acontecem na escola e comunidade, ou seja, o ensino e a aprendizagem se tornam mais relevantes e prazerosos, despertando questionamentos mais críticos e trazendo interesse para outros temas e conteúdos. Todos esses aspectos os fazem persistir na continuidade da sua formação educativa formal dos estudos, as experiências anteriores nas classes do DF Alfabetizado, na perspectiva de uma Educação Popular com e para o educando/alfabetizando.

Palavras-Chaves: Educação de Jovens e Adultos, Educação Popular, Escola Pública, voz do educando.

INTRODUÇÃO

O texto ora apresentado traz a ênfase na educação popular. Com algumas variações, as propostas que desenvolvem essa perspectiva educativa compartilham a visão da importância da educação como ferramenta válida para atenuar a situação de pobreza e exclusão social, a partir de um enfoque centrado na construção de cidadãos com capacidades e empoderamento para transformar sua realidade.

Incorpora, portanto, a influência da obra Freireana e suas principais ideias-forças vinculadas às práticas de conscientização, quais sejam: a importância de uma consciência crítica, valorização da identidade cultural, perspectiva política na educação, o esclarecimento das relações de poder hegemônicas nas práticas educativas e seus questionamentos, as lutas pela produção e pela legitimação do saber social.



O presente texto apresenta os resultados de uma pesquisa que busca compreender como acontecem às práticas educativas no processo de construção do conhecimento e a afirmação do sujeito coletivo como ator histórico na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no contexto de uma escola pública, em uma comunidade marcada por confrontos, enfrentamentos, aceitação e empoderamento na Região Administrativa do Paranoá, no Distrito Federal.

Esta pesquisa buscou desvendar os significados e sentidos atribuídos pelos educandos que passaram pela educação popular do CEDEP (Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá), em especial através do Programa DF Alfabetizado no ano de 2014 e que continuam sua trajetória de estudos na rede regular de ensino.

Procura-se inquirir a partir da participação dos educandos que freqüentaram o referido programa, em que medida ao entrarem em uma classe regular de EJA em uma instituição pública sua atuação protagoniza uma mudança de um educando passivo, receptor de conteúdo didático-pedagógico em um sujeito/educando produtor do conhecimento, consciente de seu protagonismo no seu retorno à escola e incorporando no seu cotidiano essa prática emancipatória.

Por esse caminho, procurar-se pesquisar e retratar atentamente a perspectiva dos sujeitos/educandos sobre suas impressões e inquietações sobre essa relação com o professor, onde o educando oriundo da Educação Popular traz uma posição de protagonismo e a leva para uma escola com práticas tão antagônicas.

Esta investigação adotou uma perspectiva qualitativa, em que a aquisição de dados ocorreu por meio do contato direto do pesquisador com a situação observada, por meio da pesquisa participante. Apresenta, portanto, como base a ideia de dialogicidade entre pesquisa e a prática, onde pesquisador e pesquisados são sujeitos de um trabalho comum, ainda que com situações e tarefas diferentes (Brandão, 1990).

Os Procedimentos metodológicos utilizados para produzir os dados e resultados da pesquisa foram observação presencial e participativa no contexto da escola pública e da educação popular, entrevista semiestruturada, diálogo entre educandos e alfabetizadoras do Programa DF Alfabetizado, diário de itinerância.



EDUCAÇÃO POPULAR – DIVERSIDADE, SENTIDO E ACÃO

Não obstante, a educação popular ter vivido o seu apogeu na década de 60, sua origem é anterior a esse momento e ainda hoje se faz presente no Brasil e no mundo, em especial na América Latina no ideário e na prática de diversas organizações (BRANDÃO, 2009).

Para Freire (2003), a educação popular não é uma escola pedagógica, nem uma proposta datada e situada em um tempo específico. Ela é uma vocação da educação, um instrumento político e cultural de força pedagógica a serviço das classes populares. Segundo esse autor, essa proposta educativa pode ser viabilizada a partir de duas posturas distintas e não antagônicas: por um lado, com ênfase no seu viés político para preparar as classes populares para algum tipo de transformação social, subordinada a uma tomada de poder e à instauração de uma alternativa socialista à sociedade capitalista e opressora; e de outro, com ênfase no seu viés cultural, como forma de elevar, de uma maneira justa e não supletiva, a qualidade de vida dos excluídos, a começar pela oferta de um tipo de educação que instaure a plenitude da pessoa cidadã.

Brandão também argumenta que, ao mesmo tempo em que é necessária a ampliação de experiências autônomas de uma educação realizada a partir da iniciativa dos movimentos populares, é também fundamental a redefinição da escola pública de modo a que ela venha a se transformar em uma educação oferecida pelo Estado, mas que incorpora os anseios, interesses e necessidades das classes populares. Isso porque se permanecer restrita a informalidade, não terá a força e o alcance necessários para atingir a enorme gama de jovens, adolescentes, adultos e idosos da classe proletária que dela necessitam para emancipar-se.

Esta pesquisa inseriu-se nessa última perspectiva, ao busca analisar se há tensões entre as práticas vivenciadas no contexto da educação popular e no contexto da educação de jovens e adultos e como os educandos oriundos da educação popular percebem e vivenciam essa tensão. Neste contexto a Educação Popular é forjada, educação que se entrelaça com a vida real de todos, pois não tem compartimentos,



fragmentos na sua concepção, pois surge no movimento da vida real, de gente palpável, que existe e não em modelos construídos para servir e se adequar ao molde de uma vida que não lhes diz respeito e sentido.

Em Freire, essas palavras se tornam fundamentais e dão luz a Educação Popular, ao afirmar

Na redução do povo a massa. O povo não conta nem pesa para o sectário, a não ser como suporte para seus fins. [...]. Não pensa. Pensam por ele e é na condição de protegido, de menor de idade, que é visto pelo sectário, que jamais fará uma revolução verdadeiramente libertadora, precisamente porque também não é livre (FREIRE, 2003, p. 60).

A concepção de Educação Popular à qual a pesquisa se debruçou nos apresenta desafios no contexto sócio, histórico, político e cultural no Brasil.

A educação popular deve ser realizada de forma a reafirmar a sua essência, o compromisso com a causa do povo e uma prática pedagógica que pergunte às pessoas quem elas são, que se abre a ouvi-las dizer como elas desejam e não desejam ser; em que mundo querem viver; a que mundo de vida social estão dispostas a ser preparadas para preservar, criar ou transformar [...] este tipo de intenção pode parecer algo muito ilusório; pode parecer mesmo utopia. Mas se a educação empresarial dirigida a não-empresários trata de criar pessoas para um tipo de mundo social, porque não acreditar – se nós cremos que ele não é “o melhor dos mundos” – que é possível e pôr em prática, inclusive por meio do aparato público (“ público quer dizer: “ de todos nós”), um tipo de educação que sonhe participar, dentro e fora da sala de aula, da criação de pessoas capazes de aprender a conhecer e a compreender por conta própria.” (BRANDÃO, 2009, p. 93)

Este autor considera a Educação Popular em dois sentidos usuais, enquanto processo geral de reconstrução do saber social necessário, a educação da comunidade, e depois como trabalho político de luta pelas transformações sociais, emancipação do sujeito.

A principal tendência da prática da educação popular, hoje, está na passagem de um modelo emergente de educação com ponto de referência em si mesmo, para uma prática cujo o ponto de referência são os grupos populares, os movimentos sociais da comunidade, os movimentos populares de classe na comunidade. (BRANDÃO, 2009, p. 43)

Para o exercício da Educação Popular é mister compreender o ethos, ou seja, buscar o mergulho na realidade com vistas a entender a lógica interna das ações, fatos e acontecimentos da vida das pessoas envolvidas nos processos educativos desenvolvidos por seus grupos sociais.



Nessa busca de compreender o trabalho da Educação Popular como espaço de processo formador, percebe-se a relevância da pesquisa em curso, onde a prática e o sentido que a envolve na ação motivadora e consciente de sujeitos que constroem suas práxis educativa constituída de significações, que o permite avançar e nunca retroceder diante dos percalços que surgirão novamente em seu trajeto ao retornar novamente aos “bancos escolares”.

“Se na imersão era puramente espectador do processo, na emersão descruza os braços e renúncia à expectativa e exige a ingerência. Já não se satisfaz em assistir. Quer participar” (FREIRE, 2003, p. 63)

O CONTEXTO DA PESQUISA: ANALISANDO ALGUNS RESULTADOS

Este estudo foi realizado em uma escola pública do DF com educandos da Educação de Jovens e Adultos da 1ª a 4ª etapas do primeiro segmento do Ensino Fundamental. A Escola faz parte da Regional de Ensino do Paranoá, pertencente ao Governo do Distrito Federal. Trata-se de uma instituição pública que atende a Educação de Jovens e Adultos no período noturno. A Escola atende à Educação Infantil, Educação Fundamental e Educação de Jovens e Adultos - EJA, 1º segmento desde o ano de 2013. Essa inserção da Educação de Jovens e Adultos ocorreu devido à intervenção do movimento popular que juntamente a Secretaria de Educação do DF identificou a necessidade de implantação dessa modalidade na citada escola.

A Escola Classe foi construída nos anos 1980 e entregue à comunidade em junho de 1990. Neste ambiente há o desenvolvimento de diversos projetos que constam no

Projeto Político Pedagógico tais como intervenções na área de alimentação, do respeito ao próximo, da saúde, da família, da leitura e aprendizagem e acolhimento à comunidade.

Com relação aos discentes a maioria veio de regiões do nordeste brasileiro e não pôde estudar quando crianças por muitos motivos, entre eles, porque tiveram que cuidar dos irmãos mais novos ou porque tiveram que trabalhar muito cedo para ajudar os pais.



A faixa etária dos estudantes está entre 18 e 80 anos, mas a parte mais numerosa se concentra depois dos 30 anos. Quanto ao sexo, a maioria dos educandos é mulher. Com relação à religião, verificou-se que em primeiro lugar está a religião católica, seguida da evangélica. O valor médio da renda por mês é de R\$ 788,00 a R\$ 1.000,00. (GUIMARÃES, ano 2015)

METODOLOGIA

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

O levantamento de dados serviu de base para análise e discussão sobre os significados e sentidos atribuídos pelos educandos egressos da educação popular à sua inserção na educação de jovens e adultos regular na escola pública.

Buscamos inquirir em que medida as práticas didático-pedagógicas vivenciadas pelos educandos da EJA nas classes do DF Alfabetizado no ano de 2014 ao serem permeadas por uma prática de Educação Popular, colaboraram para que os educandos se posicionassem em um processo de produção autônoma de saber.

Para escolha dos participantes da pesquisa utilizamos como critério, a proximidade com os educandos. Procedeu-se a uma entrevista informal para identificar quais educandos participaram do programa DF Alfabetizado

Para coleta de dados foram realizadas entrevistas com 6 educandos, sendo 4 que frequentam a 1ª etapa do 1º segmento e 2 educandos do 2º segmento.

Foram feitas entrevista primeiramente com 4 educandos oriundos do DF Alfabetizado durante os intervalos das aulas: Educandos da turma do 1º segmento:

Pesquisadora: Como eram as aulas na alfabetização, o que a professora fazia na sala que mais facilitou você aprender a ler?

Educando Jonas – Eu prefiro antes as aulas de antes “deu” vir para a escola, pois lá a professora conversava com gente igual com todo mundo, eu nem tinha preguiça de ir, não às vezes tinha, mas chegava lá animava com os colegas.

Educanda Luzia – Preguiça é coisa de homem, não tenho preguiça de vir para escola eu gosto lá no DF Alfabetizado que eu ia antes de chegar aqui, o bom



era a conversa com os colegas, “nos” era mais unido, acho que a sala tinha menos gente que aqui, aí a professora tinha paciência com “nós”.

Educanda Maíra – As aulas eram mais animadas, todo mundo queria falar alguma coisa.

Neste momento interrompi sua fala e perguntei por que todo mundo queria falar.

Educanda Maíra – ah! A gente queria falar porque entendia do assunto, podia palpitar, eu vou falar do que não sei, vou nada.

O educando Jonas toma o turno da fala de Maíra sobre “todo mundo queria falar”. Para ele:

A conversa é sempre sobre o que eu sabia ou sabia um pouco, aí dava vontade de falar, tinha coisa que a gente conversava na sala que tinha vez que acabava de acontecer com a gente.

Educando Eduardo – Eu gostava das aulas lá, mas gosto aqui também, às vezes lá tinha muita falação, e a professora nem conseguia explicar as coisas direito.

Educando Jonas - A conversa é sempre sobre o que eu sabia ou sabia um pouco, aí dava vontade de falar. Tinha coisa que a gente conversava na sala que tinha vez que acabava de acontecer com a gente.

Pesquisadora -. Então você ajudava a professora a dar aula?

Educando Jonas – Que ajudava nada, eu nem sabia ler e escrever, como ia ajudar?

Durante os diferentes relatos os educandos se referem às práticas didático-pedagógicas das alfabetizadoras como uma permanente transferência de conhecimento entre educador e educandos. Mesmo contribuindo para o processo que está sendo construído dentro da sala de aula, não se colocam nesta relação dialógica como um sujeito de saber (Freire, 2003) que contribui para o processo de ensino-aprendizagem.

A fala do educando Jonas é bem característica neste aspecto.

Pesquisadora – Vocês todos já conheciam o CEDEP ou foi só quando foram ter aulas no DF Alfabetizado?

Educando José -. Eu conheço há muito tempo, desde quase do início de lá, mas só fui aprender a ler e escrever lá quando abriu o DF Alfabetizado, pois aí dava para ir às aulas, pois antes para vir para escola é difícil. Lá a professora me convidou, fiquei sem graça de falar que não ia, acabei indo e gostando.



Educando Pedro - conheci primeiro a Lourdes e depois o CEDEP, meus meninos fazem muitas coisas lá, eu só fiz mesmo a Alfabetização (DF Alfabetizado) trabalho quase o dia inteiro.

Nesta fala do José é perceptível a proposta tão peculiar da Educação Popular, a intencionalidade e a qualidade de um modo de prática pedagógica entre o trabalho de busca ativa desse educador popular junto às pessoas e grupos da comunidade. A fala de ambos os educandos nos traz o entendimento de que a educação popular é um esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares.

Cada educando participa ativamente do seu retorno ao processo educativo. Essa reinserção é percebida como desafiante, pois as idas e vindas nesse momento são marcadas em suas trajetórias por ansiedade e um conformismo silencioso para uma propensa exclusão do sistema.

A próxima pergunta da entrevista foi feita aos dois grupos pesquisados conjuntamente.

Pesquisadora – Vocês gostam da forma que vocês estão aprendendo agora aqui na escola?

Educando José – Eu gosto, já aprendi até a mexer no computador,

*Tento refazer a pergunta para evitar que as resposta se associe ao aprendizado da informática e retomo o turno da fala.

Pesquisadora – Não, antes das aulas de informática, como são as aulas lá na sala de aula?

Educando José retoma a fala – Lá no DF, teve coisas que aprendi mais rápido, aqui eu aprendo também, mas tem coisa que ainda não sei direito.

Educando Luzia – Eu gostava mais de lá (DF Alfabetizado), tinha menos gente na sala, eu aprendia melhor, mas aqui também eu consigo aprender também.

Educando Maíra – Eu fiquei só um tempo lá, logo tive que sair, mas consegui aprender muitas palavras e escrever e ler meu nome, aqui eu aprendo, acho umas coisas difíceis e outra mais fácil.

Educando Pedro – Para mim é tudo igual eu aprendi coisas lá e aqui, é acho que o que é diferente é a professora, não sei fala mais.



Na resposta de Pedro, que afirma que a prática didático-pedagógica nas duas propostas de ensino é igual, percebemos também aspectos sobre as percepções acerca da educação popular e sua inserção na rede pública. Para ele a prática é a mesma, mas o que faz diferença é o educador. A natureza da relação dialética educando/educador na educação popular de acordo com Brandão e Assumpção (2009), não é uma mera atividade pedagógica, mas um trabalho coletivo em si mesmo, ou seja, trata-se da vivência do saber compartilhado que cria a experiência do poder compartilhado.

Educando Eduardo – Para mim a escola pega mais no pé, hum, o professor tem dia que está bom, mas tem vez que não passa nada, só escreve ou manda a gente repetir as coisas de ontem.

Educando Jonas – Aqui na escola no início estranhei com os professores, achava eles muito fechado, mas é o jeito deles né. Oh, hoje quase fui embora estava chateado também.

Vale ressaltar que as entrevistas foram feitas em dias alternados com os educandos e seus nomes foram alterados para preservar suas identidades. Havia dias em que tinha um contato maior com os mesmos. A despeito de alguns darem respostas curtas e evasivas em um primeiro momento, os educandos mantiveram a disponibilidade de interlocução em dialogar sobre sua vida e seu trajeto escolar.

Essa característica de segurança e confiança que reverbera nessa interação e cooperação é percebida em grande número dos educandos da Alfabetização Popular oriundos do Programa DF Alfabetizada com essa perspectiva da Educação Popular.

Na perspectiva de uma epistemologia dialética, uma educação problematizadora constitui um processo de diálogo com o próprio pensamento, com o outro e com o objeto a conhecer, e uma vez que este esteja desvelado, vai-se em busca de uma alternativa de solução (ou superação). (MANFREDI, 2013, p.83).

É por meio da conscientização que Freire (2003) nos convida para exercer nossas práxis educativa, baseada na integração de saberes compartilhados, onde a história de cada um e suas dificuldades não são para serem omitidas, nem as dificuldades camufladas, mas divididas para uma busca comum neste diálogo de elaboração e reelaboração.



“Ora, a democracia e a educação democrática se fundam ambas, precisamente, na crença no homem”. Na crença em que ele não só pode, mas deve discutir os seus problemas. Os problemas do seu País. Do seu Continente. Do mundo. Os problemas do seu trabalho. Os problemas da própria democracia. (FREIRE, 2003. p.104).

RESULTADOS

A análise das entrevistas nos mostra que os educandos se sentem mais seguros e confiantes quando sentem que o educador está em uma relação dialógica de interação e cooperação. Essa segurança e confiança os fazem mais autônomos e inquiridores na aquisição e compreensão dos conteúdos apresentados, tornando a aprendizagem mais significativa.

O ensino no contexto da sala de aula se torna mais prazeroso e relevante, quando desperta o interesse para outros temas e conteúdos que trazem questionamentos mais profundos, mesmo que ainda não haja uma percepção por parte dos educandos de uma aprendizagem que considere relevante.

A experiência de uma educação popular com e para o educando que estes sujeitos vivenciaram no Programa DF Alfabetizado na cidade do Paranoá tem essa idiossincrasia, pois os estudantes afirmam existir diferenças na relação pedagógica desenvolvida na escola pública e na Educação Popular.

Os estudantes sentem falta da relação dialógica construída na Educação Popular, pois esta experiência mostra ser possível uma educação fora de um modelo aprisionado pelo pragmatismo, dogmatismo e hegemonia de um sistema pertencente às linhas mestras que até hoje se impõe e submetem as camadas populares do País.

As questões levantadas pela pesquisa buscaram compreender como esses educandos oriundos de uma educação de concepção popular participativa e autônoma, percebem e vivenciam os aspectos didático-pedagógicos ao se inserirem em uma classe regular de EJA em uma escola pública com outra proposta de educação tão distinta.



Nesta escola, desde 2015 se realiza um trabalho feito pelos estudantes do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, por meio de um projeto de inclusão digital, alfabetização e letramento digital aos estudantes da EJA.

A pesquisa nos aponta a possibilidade de emergência de uma educação que supere uma visão compensatória e supletiva, em favor de um projeto educativo que parte de um trabalho conjunto com esses sujeitos na construção de atividades que tenham relação com suas expectativas e horizontes. A análise das entrevistas e observações nos mostra que os educandos se sentem seguros e confiantes quando percebem que o educador está em uma relação dialógica com ele.

Quanto à permanência e motivação ao prosseguirem seus estudos, a despeito de apontarem que a maneira como as aulas eram conduzidas pelas alfabetizadoras populares foi o que os fez persistir na continuação dos estudos não reconhecem os aspectos didático-pedagógicos como um fator preponderante para sua permanência na escola.

A pesquisa nos aponta que a experiência de uma educação popular com e para o educando, respeitando suas aspirações e intenções o fazem o retornar à escola, mesmo que revivendo em suas vidas situações que em muito contribuíram para a interrupção do seu trajeto de reinserção na escola pública.

Quando sua individualidade é preservada, mesmo considerando a diversidade que é uma sala da EJA a relação dialógica educador/educando se torna cooperativa, colaborativa e de conscientização no processo de construção do conhecimento e na sua afirmação como sujeito coletivo.

Construir uma prática de ação com a perspectiva da Educação Popular no espaço da Escola Pública para EJA traz para esse adulto estudante um espaço de extensão da sua trajetória de vivência, sentido e pertencimento para troca de experiência.

Referências Bibliográficas

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 2003.

BRANDÃO, Carlos R, ASSUMPÇÃO, Raiane. Cultura Rebelde – Escritos sobre a Educação Popular antes e agora. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.



ALFAEJA
III Encontro Internacional de Alfabetização
e Educação de Jovens e Adultos

REIS, Renato Hilário dos. A constituição do sujeito político, epistemológico e amoroso na Alfabetização de jovens e adultos. Campinas, SP: [s.n.], 2000.

ARROYO, Miguel G. Educação de Jovens e Adultos _ um campo de direitos e de responsabilidade pública in: Soares et ali (Org.) Diálogos na educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____ A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão. In: Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos. Brasília: UNESCO.

ALVES-Mazzoti, A. J, Gewandsnajder, F. O planejamento de pesquisas qualitativas in: O método nas ciências naturais e sociais. 2000.

SILVA Rêses, Erlando; VIEIRA, Maria Clarisse; REIS, Renato Hilário. Presença e pegadas de Paulo Freire no Distrito Federal: uma primeira aproximação Linhas Críticas, vol. 18, núm. 37, setembro-dezembro, 2012, pp. 529-550 Universidade de Brasília.

GUIMARÃES, Kamylla Santana, Estratégias de leitura para desenvolver/estimular a habilidade de compreensão leitora junto à comunidade escolar - III Curso da Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania com Ênfase em EJA/2014-2015 – UnB.